

MÍDIAS DIGITAIS: FASCÍNIO, HORROR E MAL-ESTAR NA MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA

*Fernanda Martins Marques**
*Giana Bitencourt Frizzo***

RESUMO

A presença consistente das mídias digitais na rotina das famílias constitui um grande desafio à parentalidade contemporânea. Sendo assim, o objetivo do estudo foi compreender, com base na psicanálise, as experiências subjetivas maternas no que tange às mídias digitais ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia da Covid-19. A partir da análise temática reflexiva de entrevistas com 22 mães, encontrou-se que as participantes experienciam as mídias digitais de modo ambivalente, com um misto de fascínio e horror, com algumas delas demonstrando uma atitude mais favorável às telas com o passar do tempo. Os resultados também sugerem que o uso de mídias digitais provoca mal-estar devido a discursos sociais – incluindo o dos especialistas - que desaconselham a exposição de crianças pequenas às telas. Apesar disso, algumas participantes questionaram os imperativos sociais de maternidade e de infância ideais, refletindo sobre as particularidades de sua realidade de vida. Conclui-se que é importante proporcionar espaços de escuta em que as mães reflitam a respeito da experiência da maternidade e sobre diferentes formas de criá-la e vivenciá-la no tocante às mídias digitais na primeira infância.

Palavras-chave: maternidade; mídias digitais; primeira infância; psicanálise; Covid-19

* Doutora e mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, especialista em psicoterapia psicanalítica pela Fundação Universitária Mário Martins e graduada em Psicologia pela UFRGS (Rio Grande do Sul, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5424-3513>. E-mail: fernandamartinsmarques@outlook.com

** Doutora e mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS. Professora Associada do Instituto de Psicologia e do Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8106-4441>. E-mail: gfrizzo@gmail.com

DIGITAL MEDIA: FASCINATION, HORROR AND DISCOMFORT IN CONTEMPORARY MATERNITY

ABSTRACT

The consistent presence of digital media in families' routines constitutes a major challenge to contemporary parenting. Therefore, the objective of the study was to understand, based on psychoanalysis, the subjective experiences of mothers about digital media throughout early childhood, before and during Covid-19 pandemic. Based on reflexive thematic analysis of interviews with 22 mothers, it was found that the participants experience digital media in an ambivalent way, with a mixture of fascination and horror, with some of them demonstrating a more favorable attitude towards screens over time. The results also suggest that the use of digital media causes discomfort due to social discourses – including that of specialists – that advise against exposing young children to screens. Despite this, some participants questioned the social imperatives of ideal motherhood and childhood, reflecting on the particularities of their life reality. It is concluded that it is important to provide listening spaces in which mothers reflect on the experience of motherhood and on diverse ways of creating and experiencing it regarding digital media in early childhood.

Keywords: maternity; digital media; early childhood; psychoanalysis; Covid-19

MEDIOS DIGITALES: FASCINACIÓN, HORROR Y MALESTAR EN LA MATERNIDAD CONTEMPORÁNEA

RESUMEN

La presencia constante de los medios digitales en las rutinas de las familias constituye un gran desafío para la crianza contemporánea. Por lo tanto, el objetivo del estudio fue comprender, con base en el psicoanálisis, las experiencias subjetivas maternas con respecto a los medios digitales a lo largo de la primera infancia, antes y durante la pandemia de Covid-19. A partir del análisis temático reflexivo de entrevistas con 22 madres, se encontró que las participantes experimentan los medios digitales de manera ambivalente, con una mezcla de fascinación y horror, y algunas de ellas muestran una actitud más favorable hacia las pantallas a lo largo del tiempo. Los resultados también sugieren que el uso de los medios digitales genera malestar debido a los discursos sociales, incluido el de los especialistas, que desaconsejan exponer a los niños pequeños a las pantallas. A pesar de ello, algunas participantes

cuestionaron los imperativos sociales de la maternidad y la infancia ideales, reflexionando sobre las particularidades de su realidad de vida. Se concluye que es importante propiciar espacios de escucha en los que las madres reflexionen sobre la experiencia de la maternidad y sobre las diferentes formas de crearla y vivirla frente a los medios digitales en la primera infancia.

Palabras clave: maternidad; medios digitales; niñez temprana; psicoanálisis; Covid-19

Assumir e desempenhar papéis parentais em uma sociedade onde as inovações tecnológicas se sucedem rapidamente, provocando profundas mudanças sociais, econômicas e políticas, implica lançar-se rumo ao desconhecido e ao imprevisível. Esse desafio reveste-se de importância ainda maior quando se considera o uso de mídias digitais¹ durante a primeira infância, período fundamental para a constituição psíquica, que engloba os primeiros seis anos de vida de uma criança, e no qual ocorrem o estabelecimento de hábitos e a formação das principais estruturas do cérebro, bases do desenvolvimento ao longo da vida (Núcleo Ciência pela Infância, 2021). O maior tempo de uso de mídias digitais na primeira infância tem sido associado a possíveis impactos negativos em diferentes áreas do desenvolvimento infantil, como linguagem, sono e autorregulação emocional (Rocha & Nunes, 2020), ressaltando a necessidade de pesquisas e intervenções sobre o tema durante esse período da infância.

Muitos cuidadores demonstram preocupação com os riscos do uso de mídias digitais pelas crianças, expressam alto nível de tensão interna quanto aos efeitos do uso que eles próprios fazem na presença dos filhos e referem sentimento de culpa pelo excesso de tecnologias na vida de crianças muito pequenas (Mallmann & Frizzo, 2019; Radesky *et al.*, 2016; Rideout & Robb, 2020). Buscando orientar mães e pais acerca desse tema, Associações de Pediatria de diferentes países (American Academy of Pediatrics [AAP], 2016; Royal College of Pediatrics and Child Health, 2019; Sociedade Brasileira de Pediatria [SBP], 2019) publicaram diretrizes sobre exposição às telas na primeira infância, sendo as mais difundidas aquelas relativas ao tempo de uso recomendado em cada faixa etária. No entanto, prescrições desse tipo provavelmente não serão eficazes se o uso for determinado não por uma escolha ou preferência

dos pais, e sim por necessidade, devido à indisponibilidade de outros adultos que cuidem da criança, como observado durante a pandemia da Covid-19 (Hartshorne *et al.*, 2021; Pedrotti *et al.*, 2021; Riter, 2021).

Diante das limitações das abordagens prescritivas sobre o uso de mídias digitais na primeira infância, especialmente quando desconsideram as condições socioculturais que incidem sobre as práticas parentais, torna-se relevante recorrer a perspectivas teóricas que possibilitem uma compreensão mais aprofundada da complexidade envolvida nesse fenômeno. É nesse sentido que se introduz, no presente trabalho, o enfoque psicanalítico, cujas contribuições permitem explorar os aspectos subjetivos e culturais que atravessam a experiência da maternidade em relação às mídias digitais na contemporaneidade. Segundo Moraes e Viana (2020), as ferramentas teórico-metodológicas da psicanálise podem e devem, a partir da herança freudiana, ser lançadas no estudo dos fenômenos da cultura. Portanto, a psicanálise pode ajudar a compreender a experiência da maternidade na sociedade contemporânea, com sua ampla presença das mídias digitais, fenômeno bastante atual e culturalmente relevante, mas que ainda necessita ser melhor investigado.

O psicanalista francês Houzel (2004) organiza as funções parentais em torno de três eixos: exercício, experiência e prática. O segundo deles diz respeito à experiência subjetiva, tanto consciente quanto inconsciente, de se tornar mãe e pai e assumir papéis parentais, abrangendo o desejo pela criança, o processo de transição à parentalidade e as reorganizações psicológicas relacionadas aos papéis parentais (Houzel, 2004). No presente estudo esse eixo foi utilizado de forma ampla no intuito de compreender as experiências subjetivas de ser mãe e assumir papéis parentais na contemporaneidade, no que tange às mídias digitais na primeira infância.

A parentalidade também põe em cena processos psíquicos relacionados ao narcisismo. Segundo Freud (1914/2006), o amor dos pais pelos filhos é o retorno, a reprodução e o resgate do seu narcisismo infantil perdido, que situa a criança idealizada no lugar de “Sua Majestade, o Bebê”. Antes mesmo do nascimento da criança, os pais já possuem representações acerca do bebê imaginário (Ferrari, Piccinini & Lopes, 2007), que envolve aspectos narcísicos, temores, memórias da própria história e infância e referências de figuras parentais (Ferrari *et al.*, 2007; Gorin, Mello & Féres-Carneiro, 2021).

Além da singularidade de cada mãe e pai e de sua história, a parentalidade implica o campo social que os enlaça, com seus discursos e ideais (Hoewell, 2022). Ao tratar sobre a parentalidade contemporânea, do século XXI, Iaconelli (2019) marca a diferença entre a responsabilidade pelo cuidado de uma criança e a fantasia de onipresença e onisciência que acomete os pais na atualidade, a qual estaria ligada à necessidade humana de prever e planejar os fatos como estratégia de sobrevivência. Outras características da parentalidade atual são a maior flexibilidade e intercambialidade de papéis no exercício das funções parentais e a diversidade de configurações familiares (Campana & Gomes, 2019; Trage & Donelli, 2020).

Apesar dos avanços nas discussões sobre divisão de tarefas parentais e igualdade de gênero, as mulheres ainda são mais sobrecarregadas com o cuidado dos filhos (Iaconelli, 2019). Esse fenômeno está ancorado na crença de que a maternidade e as atividades de cuidado, de modo geral, são funções naturais e intrínsecas às mulheres. Portanto, persiste no imaginário social a ideia de que a mãe é insubstituível nas tarefas de cuidado com os filhos, o que reforça uma divisão de tarefas com base no gênero (Iaconelli, 2019). Durante a pandemia da Covid-19, esse cenário foi potencializado: o fechamento de instituições de apoio no cuidado às crianças, como escolas e creches, intensificou a concentração das responsabilidades domésticas e parentais sobre as mulheres, revelando e aprofundando desigualdades já existentes (Hoewell, 2022; Staniscuaski *et al.*, 2021). Além disso, o trabalho doméstico, historicamente atribuído às mulheres, gera impactos significativos em sua subjetividade, visto tratar-se de uma atividade economicamente não remunerada, invisibilizada e, portanto, desvalorizada (Macêdo, 2020).

Diante dessas múltiplas demandas, diversas mães vivenciam sentimentos de inadequação por não conseguirem corresponder aos padrões normativos e inatingíveis de uma maternidade idealizada (Iaconelli, 2019). Nesse contexto, Jerusalinsky (2017a) observa que o discurso social contemporâneo estrutura a maternidade como uma questão de eficácia fálica: a competência materna passa a depender da posse de inúmeros objetos que prometem facilitar a criação dos filhos, da adesão a protocolos de especialistas e da busca

por um desempenho eficaz e otimizado no cuidado com o bebê. Essa lógica está em consonância com os valores predominantes na sociedade contemporânea, marcada pela exaltação do desempenho, da produtividade e da velocidade (Hoewell & Iaconelli, 2019). Contudo, essas expectativas, muitas vezes, colidem diretamente com as necessidades fundamentais dos bebês e das crianças pequenas, que demandam constância de cuidados, previsibilidade, confiabilidade no ambiente e respeito e sensibilidade ao seu ritmo de desenvolvimento (Winnicott, 1965/1983), elementos que tensionam a lógica performática que permeia o ideal de maternidade na atualidade.

Nesse cenário, um dos desafios postos às mães na atualidade é a presença consistente das mídias digitais na rotina das famílias, fenômeno que vem provocando transformações e que ainda carece de respostas e garantias quanto a seus desfechos. A partir da teoria psicanalítica de matriz freudiana e lacaniana, Jerusalinsky (2017b) refere que as inovações tecnológicas sempre foram acompanhadas por um misto de fascínio e horror ao longo da história. O fascínio estaria relacionado à percepção da capacidade de invenção do ser humano e à aposta nos avanços tecnológicos e científicos como possibilidade de melhoria das condições de vida. Já o horror surgiria em função da imprevisibilidade, pois as inovações incitam mudanças amplas, políticas e econômicas, alteram hábitos e relações humanas. Freud (1930/2006), em “O mal-estar na civilização”, já referia que o progresso técnico-científico provoca orgulho no ser humano acerca de suas realizações, além de propiciar benefícios decorrentes do maior domínio sobre as forças da natureza e das superações das limitações de espaço e tempo. Apesar das vantagens adquiridas com esses avanços, segundo ele, o desconforto e o mal-estar continuam existindo, pois a civilização é construída com base em uma renúncia aos instintos e implica justamente sua não-satisfação.

Diferentemente de outros desenvolvimentos tecnológicos ocorridos ao longo do século XX, as mídias digitais (com o advento da Internet), segundo Nicolaci-da-Costa (2002), provocam efeitos mais radicais por criarem um espaço de vida virtual onde as pessoas interagem em uma realidade imaginária, cabendo à Psicologia compreender os

desdobramentos subjetivos dessas mudanças. Apesar disso, ainda são poucas as pesquisas sobre as experiências subjetivas de mães em relação às mídias digitais na primeira infância (Mallmann & Frizzo, 2019), especialmente quando se busca por investigações empíricas e longitudinais de orientação psicanalítica, base teórica do presente trabalho. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi compreender as experiências subjetivas maternas no que tange às mídias digitais na contemporaneidade, analisando-se estabilidades e mudanças ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia da Covid-19.

MÉTOD

PARTICIPANTES

Participaram voluntariamente do estudo 22 mães (Etapa 1: $M=32.9$, $DP=4.52$ e Etapa 2: $M=35.6$, $DP=4.47$), com filhos entre 5 e 33 meses de idade na primeira etapa da coleta de dados ($M=16.6$, $DP=9.34$, 72.7% meninas) e entre 32 e 60 meses na segunda etapa ($M=45.9$, $DP=8.4$), todas brancas, residentes na capital e região metropolitana do Rio Grande do Sul e de São Paulo, provenientes de um projeto mais amplo, intitulado “Os bebês, as famílias e o uso de tecnologias: Um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil”². Como critério de inclusão, elas deveriam ter mais de 18 anos e ser a principal cuidadora do bebê, o qual precisaria ter até 36 meses, ser saudável e nascido a termo. Mais informações sobre os dados sociodemográficos das mães podem ser acessados na Tabela 1.

DELINEAMENTO

Trata-se de estudo de caráter descritivo, exploratório, longitudinal e de natureza qualitativa (Robson, 2002). A pesquisa qualitativa é indicada para explorar fenômenos em profundidade e analisar realidades subjetivas de forma holística, considerando que essas realidades possuem especificidades e variam entre indivíduos, grupos e culturas (Creswell & Creswell, 2021), sendo, portanto, adequada aos objetivos do presente estudo.

Tabela 1: *Dados sociodemográficos das mães.*

Dados sociodemográficos	N	%
Trabalha	15	68,1
Renda familiar*		
De 1 a 6 salários-mínimos	9	40,9
De 6 a 12 salários-mínimos	8	36,4
Acima de 12 salários-mínimos	5	22,7
Escolaridade		
Pós-Graduação	10	45,5
Superior Completo	8	36,3
Superior Incompleto	4	18,2
Relacionamento		
Casada/morando junto	20	90,9
Solteira	2	9,1
Está em distanciamento social na pandemia		
Sim	14	63,6
Não	8	36,3
Total	22	100

***Nota:** Foi considerado o valor do salário-mínimo à época da primeira coleta de dados, que era de R\$ 954,00.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAAE: 69947117.6.0000.5334) e todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nas duas etapas de coleta de dados.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

A divulgação do estudo foi realizada por meio de redes sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp), e as mães interessadas em participar acessaram voluntariamente o link do Questionário de Dados Sociodemográficos (NUFABE, 2017a), que foi disponibilizado on-line pelo grupo de pesquisa,

através da plataforma SurveyMonkey. O instrumento foi auto aplicado, de forma remota, nas duas fases da coleta de dados. A Etapa 1 ocorreu entre 2018 e 2019, e a Etapa 2 ao longo do segundo semestre de 2021, durante a pandemia da Covid-19. As participantes também responderam à *Entrevista sobre interação familiar com uso de tecnologias: Etapa 1* (NUFABE, 2017b) e *Etapa 2* (NUFABE, 2021), ambas entrevistas semiestruturadas elaboradas pelo grupo de pesquisa.

A entrevista da Etapa 1, composta por 8 questões, foi construída com base em estudos anteriores do grupo de pesquisa (Mallmann & Frizzo, 2019), que utilizaram um roteiro com perguntas semelhantes em grupos focais com mães. A *Entrevista sobre interação familiar com uso de tecnologias: Etapa 1* continha perguntas sobre o uso que as mães e as crianças faziam das mídias digitais (contexto, tipo de dispositivo, motivação para o uso), o que pensavam sobre elas, quais suas vantagens e desvantagens, quais alternativas às mídias digitais eram empregadas pelas mães, se havia combinações com outros cuidadores em relação ao uso e se as participantes já haviam recebido orientação profissional sobre o tema.

A *Entrevista sobre interação familiar com uso de tecnologias: Etapa 2* manteve as mesmas questões da Etapa 1, mas acrescentou novas perguntas a respeito das mudanças ocorridas no uso de mídias digitais e na rotina da família durante a pandemia da Covid-19, bem como sobre alterações no uso de telas ao longo do tempo, além de abordar aspectos subjetivos relacionados à experiência da maternidade e à história da criança, totalizando 29 perguntas. Embora as questões das entrevistas não tenham passado por um processo formal de validação, o grupo de pesquisa contava com a experiência de estudos prévios, que haviam utilizado perguntas semelhantes em grupos focais com mães. Além disso, não foram observadas dificuldades de compreensão das questões por parte das participantes, o que sugere a adequação dos instrumentos para a finalidade do estudo.

As entrevistas foram conduzidas por diferentes integrantes do grupo de pesquisa, todas psicólogas, e buscou-se, sempre que possível, manter-se a dupla entrevistadora-participante nas duas etapas do estudo, de modo a preservar a continuidade e a familiaridade entre as mães e as pesquisadoras. Na primeira etapa, as entrevistas foram realizadas presencialmente no Instituto de Psicologia da UFRGS, enquanto na segunda fase, devido às

restrições impostas pela pandemia da Covid-19, foram conduzidas por meio de chamadas de vídeo, utilizando a plataforma *Google Meet*. Em ambas as etapas, as entrevistas foram gravadas pelas pesquisadoras: em áudio na Etapa 1 e em áudio e vídeo na Etapa 2.

ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas foram transcritas na íntegra e os textos daí derivados foram analisados com o auxílio do software QSR NVivo versão 1.5.1 (QSR International, 2021) por meio de análise temática reflexiva (Braun, Clarke, Hayfield & Terry, 2019). Esse tipo de análise envolve uma abordagem indutiva dos dados, a partir dos quais são construídos códigos e temas (Braun *et al.*, 2019), podendo ser utilizada com diferentes perspectivas teóricas em pesquisas sobre experiências, pontos de vista, percepções, práticas e comportamentos das pessoas (Braun & Clarke, n.d.) – estando, portanto, alinhada aos objetivos do presente estudo.

Foram seguidas as seis etapas da análise temática propostas por Braun e Clarke (2006). Ao longo de todo o processo de análise a pesquisadora compartilhou, com uma supervisora experiente em análise temática reflexiva, o modo como codificou os dados, refletindo e discutindo sobre as suposições realizadas na codificação e aquilo que porventura não havia sido avaliado, conforme sugerido por Braun e Clarke (n.d.).

O eixo da experiência da parentalidade, proposto por Houzel (2004), foi utilizado de forma ampla como organizador da análise temática reflexiva, considerando o objetivo do estudo: compreender as experiências subjetivas maternas no que tange às mídias digitais na contemporaneidade. Foram apreciadas estabilidades e mudanças entre as duas etapas do estudo, considerando-se, para a discussão dos resultados, tanto aspectos do desenvolvimento infantil quanto os relacionados ao contexto da pandemia.

De modo a assegurar a integridade metodológica das análises, observaram-se alguns critérios de qualidade propostos por Levitt *et al.* (2018) para estudos qualitativos. Assim, foi realizada uma descrição dos resultados detalhada e em profundidade, com exemplos e ilustrações de falas das mães, demonstrando a fundamentação dos achados em evidências. Também foram fornecidas informações contextuais relevantes para a compreensão dos resultados, como dados sociodemográficos sobre as participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise temática reflexiva, foram construídos dois temas que descrevem e interpretam a experiência subjetiva das mães em relação às mídias digitais: “Mídias Digitais: Fascínio e Horror” e “Mal-estar pelo Uso: Mídias Digitais e Ideais Normativos” (Figura 1). Ambos estiveram presentes nas duas etapas da pesquisa, sendo apresentados a seguir, acompanhados por trechos das falas das mães ilustrando cada um deles, juntamente com a análise de suas estabilidades e alterações ao longo do tempo. As vinhetas serão identificadas pelo número do caso e pela etapa da coleta de dados em que ocorreram, como, por exemplo: Caso 3, 1 (refere-se à participante número 3 e a fala ocorreu na entrevista da Etapa 1).



Figura 1: Mapa dos temas.

MÍDIAS DIGITAIS: FASCÍNIO E HORROR

Esse tema diz respeito a um padrão recorrente e significativo no conjunto de dados, cujo ponto central é o misto de fascínio e horror que marca a experiência subjetiva das mães em relação às mídias digitais. Ele foi construído a partir da articulação entre o material das entrevistas e a discussão teórica realizada por Freud (1930/2006) e Jerusalinsky (2017b) acerca dos efeitos subjetivos das inovações tecnológicas ao longo da história.

Nesse sentido, em algumas falas ficaram explícitos, em um mesmo trecho da entrevista, atitudes, sentimentos e percepções ambivalentes das mães em relação às mídias digitais: “*Eu acho que seria positivo porque tem o estímulo, mas negativo também porque tem muito estímulo, talvez, sabe?*” (Caso 10, 1).

Algumas mães também demonstraram simultaneamente fascínio e horror em relação às mídias digitais ao ponderarem que seus efeitos, positivos e negativos, dependeriam do uso que é feito desses dispositivos, destacando-se a necessidade de equilíbrio no uso das telas:

Então assim, eu acho que é bom, é a mesma dose que pode, que é a dose... como é que é? O veneno... o ditado aquele que diz que pode ser, pode ser virar remédio ou virar veneno né, eu acho que depende da dose que a gente usa, assim (Caso 10, 1).

Também foi possível capturar o misto de fascínio e horror ao se observar que diversas mães expressavam atitudes subjetivas antagônicas em relação às mídias digitais em diferentes pontos da entrevista. Interpretou-se que o aspecto de horror estava presente em trechos nos quais as mães destacaram os aspectos negativos do uso de mídias digitais. Um deles diz respeito ao prejuízo das telas para as relações humanas, de modo geral – incluindo o que vem sendo denominado na literatura como tecno interferência, ou seja, as interrupções cotidianas de interações ou de momentos de convívio que ocorrem devido ao uso de dispositivos tecnológicos digitais e móveis (McDaniel & Coyne, 2016):

E eu tenho um primo bem mais novo que eu, ele tem...fez dez esse ano e eu vejo assim, ele fica só no tablet e não interage com mais ninguém da família, sabe... Ele não senta na mesa pra comer com ninguém e eu acho que a gente perde muito nisso, nas nossas relações interpessoais, sabe?... (Caso 7, 1).

Ainda como uma manifestação do horror, algumas mães referiram insegurança no uso desses dispositivos por seus filhos, em função da exposição da criança a conteúdos inadequados à idade (como conteúdo agressivo e de incentivo ao consumismo) e da possibilidade de sofrerem situações abusivas, violentas e superexposição:

Outra coisa que eu tenho muito receio é porque assim, eu tenho muito medo dessas questões de assédio, dessas questões sexuais, desses crimes, dessas coisas, né, desses desenhos... (Caso 12, 2).

E outra coisa que me irritava era no YouTube: Mãe, tu me dá isso, mãe tu me dá aquilo? Ah mas, olha esse brinquedo. Porque eu acho que é muito consumismo, assim, que mostram, é basicamente consumismo (Caso 8, 1).

O aspecto negativo mais enfatizado pelas mães, no entanto, foi relativo aos riscos do uso de mídias digitais para a saúde, o comportamento e o desenvolvimento da criança:

Principalmente nesse início, assim, eu sei que a recomendação é de que até os dois anos a criança não veja nada de telas né, e até celular é pior ainda do que a televisão. E eu acho que é bem ruim, assim, pro desenvolvimento de tudo, assim, da fala, da questão física também, porque enquanto a criança tá assistindo televisão ela não tá na rua brincando né, e também o desenvolvimento da criatividade, imaginação, tudo isso acaba prejudicando (Caso 16, 1).

A sobreposição entre vida pessoal e profissional, ocorrida durante a pandemia da Covid-19, também foi relatada por uma das mães como um aspecto negativo das mídias digitais, apesar de ao mesmo tempo haver o reconhecimento do papel desempenhado por esses dispositivos durante a emergência de saúde pública:

Assim como facilitou muito a vida na pandemia, tu fica meio que 24 horas à disposição do trabalho, né?... Então... tu fica um pouco assim... desconfortável quando tu não tem o teu celular. Parece que alguma coisa vai acontecer que tu não vai saber, né? Então acho que essa coisa da gente ter o tempo, agora tenho meu tempo de trabalho, agora eu tenho meu tempo... Porque fica, dá uma misturada em tudo, né? (Caso 18, 2).

Apesar da experiência subjetiva de horror em relação às telas, em outros trechos das entrevistas as mães demonstraram atitudes, percepções e sentimentos positivos, fazendo referência às potencialidades desses dispositivos e, por vezes, demonstrando certo fascínio por tais objetos. Nesse sentido, destacaram-se no discurso das participantes os benefícios das mídias digitais para as crianças:

Também outra coisa que eu gosto, que a gente quer que ela vá pro inglês cedo, então eu coloco a musiquinha em inglês, baixei um aplicativo de coisas em inglês, e mostro pra ela, também. Isso é válido pra ela (Caso 1, 1).

Apesar disso, algumas mães ressaltaram que os benefícios das mídias digitais ocorreriam apenas em crianças maiores, especialmente na primeira etapa do estudo:

Pro bebê eu realmente não vejo. Talvez mais pra frente quando ela conseguir entender melhor, tipo desenho em inglês... coisas assim, talvez pra aprendizado de outra coisa assim... que eu sei que tem criança que aprende alguma coisa olhando televisão (Caso 3, 1).

Em outros trechos das entrevistas as participantes referiram que as mídias digitais são vantajosas para mães e pais, e não para as crianças, por permitirem liberar o adulto do cuidado com os filhos para a realização de outras atividades:

Olha, vamos ver, vantagens: é mais pro adulto, assim, né, um tempo livre, ali, que a criança se concentrou naquilo e tu pode fazer alguma coisa, â... eu lembro, assim, de muitas vezes usar, pra, tipo, eu sozinha pra mim tentar ir no banheiro, e a criança junto, sabe? (Caso 15, 2).

Uma mãe relatou de forma muito clara sua mudança de opinião em relação às mídias digitais no contexto pandêmico, pois o uso de telas pela criança foi o que lhe permitiu trabalhar. Nessa vinheta fica evidente o impacto do contexto da pandemia na experiência subjetiva materna em relação às telas:

É, inicialmente, assim, eu não concordava, na verdade, com isso porque eu pensava assim, questão de cuidados com os olhos, questão de ficar muito tempo na frente de uma televisão sem se movimentar, sem fazer uma atividade física. E com a chegada da pandemia, tive que mudar esse pensamento porque um pouco foi o que me salvou na questão de eu poder focar no trabalho (Caso 20, 2).

Esses resultados se assemelham a achados de estudos anteriores, nos quais as mães mostraram-se ambivalentes em relação às mídias digitais e expressaram preocupação sobre os riscos desses dispositivos para o desenvolvimento infantil (Mallmann & Frizzo, 2019; Radesky *et al.*, 2016), além do tempo de uso, exposição a conteúdo sexual e violento e *cyberbullying* (Rideout, & Robb, 2020). Cabe refletir, a partir da psicanálise, se essas preocupações são potencializadas pela busca por garantias e por fantasias onipotentes de prever o que pode acontecer, que sobrecarregam mães e pais na atualidade (Iaconelli, 2019). Como a presença constante das mídias digitais na vida cotidiana das famílias com bebês e crianças pequenas é algo ainda muito recente, não há garantias

e respostas conclusivas quanto aos desfechos dessa exposição, o que mobiliza subjetivamente as mães, gerando insegurança.

Para justificar sua apreensão em relação aos aspectos negativos do uso de telas para as crianças, algumas participantes fizeram referência a artigos científicos, conteúdos que acessaram em perfis de profissionais de saúde em redes sociais e às recomendações de Associações de Pediatria, o que mostra que possuem conhecimento e buscam por informações sobre o tema. De fato, os riscos e as orientações sobre uso de telas na infância têm recebido destaque em postagens de especialistas sobre o tema nas redes sociais (Puccinelli, Marques & Lopes (2023). As vivências com os filhos, assim como a observação e o contato com outras crianças e adolescentes, também embasaram a experiência subjetiva de horror das mães em relação às mídias digitais. Desse modo, estão presentes na fala dessas mães sobre os prejuízos das telas tanto informações técnico-científicas provenientes do discurso de especialistas quanto o conhecimento advindo da experiência pessoal e da sua vivência de maternidade.

Diversos autores discutem como, a partir do século XX, os especialistas ganharam centralidade no cotidiano das famílias, prescrevendo procedimentos, influenciando percepções, valores e práticas e funcionando como guias orientadores do exercício da maternidade (Franco, 2013; Zanello, Antloga, Pfeiffer-Flores & Richwin, 2022). A construção social do saber especializado sustentou-se principalmente em técnicas de orientação coletiva, através de livros, artigos científicos e sites de entidades médicas, com informações “sobre como as famílias devem agir para serem saudáveis” (Franco, 2013, p. 175). Nesse processo, outros saberes foram deslocados e até mesmo desqualificados, como o conhecimento do senso comum, a sabedoria das comadres, parentes e vizinhas e o saber das mães sobre seus próprios filhos (Vilhena & Mota, 2013).

Ao se referirem aos benefícios do uso de telas para as crianças, as participantes se basearam principalmente em sua própria vivência de maternidade e na experiência com os filhos, assim como no saber de outras mães. Diferentemente do que foi observado em relação aos prejuízos das telas para as crianças, artigos científicos, redes sociais de profissionais e órgãos de saúde não foram citados como fontes de informação. Desse modo, a dimensão de “formação técnica e profissional” das mães parece

não incluir, pelo menos para as participantes deste estudo, informações sobre possíveis benefícios do uso de telas pelas crianças pequenas. Esses resultados indicam que há certo silenciamento dos especialistas e do conhecimento técnico-científico sobre esse assunto, conforme encontrado por Puccinelli *et al.* (2023) em seu estudo sobre postagens de profissionais acerca do uso de telas na infância. De fato, na literatura, ainda há escassez de evidências científicas que suportem possíveis benefícios do uso nessa faixa etária, especialmente em crianças de até 3 anos (Bedford, Saez of Urabain, Cheung, Karmiloff-Smith & Smith, 2016; Schacter & Jo, 2017). Diante do vazio de referências no discurso dos especialistas, as mães baseiam-se em suas próprias vivências e experiências, assim como nas de outras mães, ao falarem sobre as vantagens do uso de mídias digitais pelas crianças, parecendo autorizar-se mais em seu saber do que ao tratar sobre os prejuízos das telas, quando o discurso dos especialistas esteve presente de modo mais evidente.

Analisando-se longitudinalmente o tema “Mídias Digitais: Fascínio e Horror” e sua ocorrência, observou-se que o mesmo esteve presente em todas as entrevistas realizadas, em ambas as etapas da coleta de dados. A dimensão de horror das mães em relação às mídias digitais foi observada em todas as entrevistas, nas duas fases do estudo, o que indica a estabilidade dessa faceta na experiência subjetiva materna ao longo do tempo. Em ambas as coletas, o aspecto negativo das telas mais destacado pelas participantes foi relativo aos prejuízos para a saúde e o desenvolvimento infantil (21 das 22 mães fizeram referência a esse ponto na primeira etapa da pesquisa e todas as mães o mencionaram na segunda).

Quanto à dimensão de fascínio, na Etapa 1, apenas 11 participantes fizeram referência às vantagens das telas para as crianças, com destaque para os benefícios educativos e de aprendizagem. No entanto, seis mães ressaltaram que só consideravam haver benefícios desse tipo para crianças maiores. Na Etapa 2, diferentemente, todas as mães trouxeram vantagens do uso de mídias digitais para as crianças e se observou uma maior variedade de aspectos positivos mencionados pelas participantes. Além do destaque para os benefícios educativos e de aprendizagem (citados por 20 mães), outras vantagens mencionadas foram: estímulo à imaginação e à criatividade, música, desenvolvimento da linguagem, socialização com

parentes e colegas (algo fundamental durante a pandemia) e importância do conhecimento sobre tecnologias para a geração da qual os filhos fazem parte. Apenas uma mãe fez a ressalva quanto aos benefícios existirem somente para crianças maiores.

Esses resultados sugerem que, na Etapa 2, as experiências subjetivas de algumas mães em relação às mídias digitais se modificaram em direção à dimensão de fascínio do espectro. Essas mudanças podem ter relação com a pandemia, quando crianças e adultos foram privados de ambientes e interações estimulantes fora da família e muitos cuidadores recorreram às telas para realizar diferentes atividades e lidar com vários tipos de demandas (Hartshorne *et al.*, 2021; Pedrotti *et al.*, 2021). É possível, ainda, que essas alterações na experiência subjetiva das mães estejam relacionadas a aquisições do desenvolvimento infantil (pensamento simbólico, domínio da linguagem, capacidade de concentração, maior autonomia e avanços no processo de constituição psíquica). Além de propiciarem maior variedade nas interações da criança com as telas, essas conquistas desenvolvimentais requerem a adaptação das mães no modo de se relacionar com a criança, com ampliação do seu papel educacional (Sehn, 2016), o que pode contribuir para uma experiência subjetiva mais positiva em relação a esses dispositivos e para o destaque dado pela quase totalidade das mães aos benefícios das telas para a aprendizagem. Esses resultados vão ao encontro de Jerusalinsky (2017a) quando refere que as mídias digitais operam como símbolo de preparação das crianças para o futuro, sendo oferecidas por mães e pais na expectativa de que, através delas, ocorra a transmissão do conhecimento. Esse significado atribuído às mídias digitais tem um papel importante na experiência subjetiva materna de fascínio em relação a tais dispositivos.

Além disso, embora não se tenha buscado quantificar os temas, deve-se destacar que na segunda etapa do estudo dobrou (passando de 6 para 12) o número de participantes que mencionaram como benefício o fato de as telas possibilitarem às mães um intervalo das suas funções parentais a fim de realizarem outras atividades. Na Etapa 1 nenhum tipo de tarefa sobressaiu-se no discurso das participantes. Já o fato de as telas liberarem a mãe para poder trabalhar teve destaque na Etapa 2. Portanto, na experiência subjetiva de algumas mães, as mídias digitais

foram significadas de forma positiva durante a pandemia por lhes permitirem atender simultaneamente aos papéis de profissional e mãe, algo que se tornou especialmente desafiador nesse contexto (Hoewell, 2022; Staniscuaski *et al.*, 2021; Zanello *et al.*, 2022).

Para melhor compreender e aprofundar a discussão dos resultados desse tema, cabe recorrer à perspectiva psicanalítica acerca da ambivalência. Segundo essa teoria, a ambivalência é considerada uma operação central para o funcionamento psíquico, e diz respeito à existência simultânea de afetos opostos dirigidos a um mesmo objeto, tais como amor e ódio, desejo e repulsa, atividade e passividade, estando presente em todas as relações humanas significativas (Freud, 1913/2006; 1917/2006; 1930/2006; Klein, 1937/1997; Winnicott, 1965/1983). Nesse sentido, é possível interpretar o misto de fascínio e horror expresso pelas participantes em relação às mídias digitais como expressão da ambivalência constitutiva da maternidade.

Klein (1937-1997) explora como os sentimentos de amor e ódio coexistem na relação mãe-bebê desde os primeiros momentos da vida psíquica, e como essa ambivalência é estruturante — e não patológica — para o desenvolvimento emocional do ser humano. Klein introduz a ideia de que o impulso de reparação surge como resposta à culpa gerada pelos desejos agressivos inconscientes dirigidos pelo bebê à mãe. Esta, por sua vez, também vivencia culpa ao perceber seus próprios sentimentos hostis ou ambivalentes em relação ao bebê.

Tornar-se mãe é um processo que envolve ampla reorganização psíquica, novos investimentos libidinais, papéis sociais, identificações e lugares geracionais dentro de uma família (Piccinini, Gomes, Nardi, & Lopes, 2008). Além de todas essas mudanças, a maternidade põe em cena os ideais ligados a essa função – representados, no imaginário social, pela figura da “boa mãe” – pautada em noções de entrega total, sacrifício e amor incondicional (Carvalho, 2020; Iaconelli, 2019). A tensão entre a idealização cultural da maternidade e a experiência concreta do materno revela uma cisão significativa entre o discurso social e a experiência subjetiva das mães (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013). No contexto da maternidade, a ambivalência está ligada ao conflito entre os desejos particulares de uma mulher e as expectativas relacionadas ao papel de mãe. Ao mesmo tempo em que deseja cuidar, proteger e criar

seus filhos, a mãe defronta-se com o mal-estar gerado pelas profundas transformações suscitadas pela maternidade e pelas inúmeras renúncias que esta exige (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013). Essa dinâmica aparece reeditada na relação ambivalente das participantes do estudo com as mídias digitais, visto que esses dispositivos permitem liberá-las momentaneamente do lugar de mãe e dedicar-se a outras atividades e interesses, ao mesmo tempo em que, fazendo isso, sentem que não estão cuidando, protegendo e criando seus filhos de modo adequado e satisfatório, como demonstra o tema seguinte.

MAL-ESTAR PELO USO: MÍDIAS DIGITAIS E IDEAIS NORMATIVOS

Construído pelas pesquisadoras com base no conjunto de dados, esse tema captura um padrão comum e recorrente na experiência subjetiva das mães, que se agrupa em torno da associação entre uso de mídias digitais e mal-estar. Expresso tanto de forma explícita quanto latente, esse mal-estar esteve associado ao uso de telas feito por crianças e adultos.

Em algumas falas, o mal-estar pelo uso de mídias digitais esteve relacionado à distância entre o ideal almejado (interna e externamente) em relação ao uso de telas na primeira infância e o que de fato acaba ocorrendo na rotina das famílias:

Olha, assim, eu procuro sempre ler né, atualizar na internet. As orientações que eu vi mais é que seria que até os dois anos, bem dizer, nada de tela né, e dos dois aos cinco uma hora por dia no máximo... só que infelizmente a gente não conseguiu (Caso 12, 1).

Algumas participantes trouxeram relatos sobre o bebê imaginário antes do nascimento, o qual idealmente não seria exposto a telas:

Assim, antes de ela nascer eu dizia: Ai, eu não vou querer que a minha filha veja TV, eu não vou querer que ela mexa em celular. Ai ela nasceu e a gente descobre que as coisas não são assim (Caso 19, 1).

Algumas ainda refletiram sobre o não-cumprimento desse ideal, ponderando sobre sua realidade de vida:

A minha cunhada não ofereceu tecnologia para os meus sobrinhos, eles estavam numa escola onde não vê TV e tudo o mais. Então, antes de eu engravidar eu já tinha isso pra mim, de ah, é melhor, estimula a criatividade,

a concentração. Então, quando a minha filha chegou, não era uma opção botar pra assistir nem TV e nem tecnologia. Mas, né, a minha vida é muito diferente da vida do meu irmão e da minha cunhada. Eu sou mãe solo, eu preciso dar conta! Eu preciso fazer as coisas acontecerem (Caso 4, 2).

O contexto da pandemia também contribuiu para tornar inatingíveis os ideais estabelecidos por algumas mães em relação ao uso de telas na primeira infância, provocando-lhes mal-estar:

Eu te confesso que essa questão de pandemia pra mim, como mãe, foi um cuspir pra cima, né. Todas aquelas coisas que eu tinha desenhado que eu não faria com os meus filhos, por exemplo, servir no almoço batata frita e nuggets, aconteceram nessa pandemia. Ah imagina que eu vou deixar uma criança uma manhã inteira numa tela, só indo lá saber se tá tudo bem... eu não deixava, nessa pandemia aconteceu. Mas não é o que eu penso, não é o que eu acho que é saudável, entende? A gente tem um dilema nesse sentido, mas às vezes é o que é preciso ser feito, né (Caso 12, 2).

A distância entre o ideal e a realidade tem como desdobramentos a autocrítica e o sentimento de culpa, por vezes manifestos diretamente:

Então eu me culpava porque eu não queria ter que inserir televisão. Só que claro, com o tempo, vai mostrando que você precisa se adaptar, que tem que ser bom pra você e pra ela, tem que fazer as coisas acontecerem. Mas essa culpa vem da sociedade, de escutar de todo mundo que é uma coisa ruim, que não é pra colocar (Caso 4, 2).

Em outros momentos das entrevistas o sentimento de culpa foi expresso de forma latente. As mães pareceram ter a necessidade de justificar e/ou minimizar a frequência do uso de telas às entrevistadoras, como se estivessem constrangidas em função desse comportamento ou tivessem a expectativa de serem julgadas pelas pesquisadoras:

Aí final da tarde se eu sento pra ver alguma coisa ele tá junto ali comigo, mas, assim, é um programa que eu tô vendo. Não fico colocando Galinha Pintadinha, ele nunca viu Galinha Pintadinha, han, devo ter colocado pra ele o Bitá duas ou três vezes, assim, realmente dá pra contar nos dedos quantas vezes eu coloco... (Caso 7, 1).

A fala de uma das mães também sugere que a própria participação no estudo ocorreu em função de autocrítica, preocupação ou culpa pelo fato de

a criança ter sido exposta às mídias digitais, endereçando às pesquisadoras uma demanda de saber quanto aos possíveis prejuízos desse uso:

Eu fui lá na UFRGS com ele pequenininho, ele era menor de um ano. Mas como a gente já tinha apresentado as telas pra ele, a TV, era uma preocupação, entendeu? Então eu quis participar da pesquisa como uma coisa também de preocupação. Tipo, vamos ver. O pessoal vai dar uma avaliada, vou ver aqui se já não... deu coisa muito ruim aqui com a criança, né? Do pouco que ele vê se já não... né? Porque óbvio, eu sabia da recomendação de até dois anos é zero telas, né?...Então eu iniciei o interesse na pesquisa também com uma coisa tipo pessoal, assim... (Caso 15, 2).

O uso de mídias digitais pela mãe também é motivo de mal-estar. Algumas participantes, por reconhecerem seu papel de referência para os filhos em relação ao uso de telas, questionaram-se sobre os desafios dessa tarefa, visto que os próprios adultos estão tomados e invadidos por esse uso:

Eu acho que às vezes a gente tá querendo cobrar das crianças um autocontrole que a gente não tem, que a gente não se dá conta. Eu tenho consciência que muitas vezes eu vejo os meus filhos com muita tela, mas se eu parar pra pensar eu tô com mais tela do que eles. Saio do computador e vou pro celular, eu saio do celular, eu ligo a TV. Então eu: ah mas eu sou adulta, eu posso. Mas eu sou educadora e eu preciso dar o exemplo. E eu acho que a gente tá projetando muito: ah mas as crianças tão só vendo videozinho, sei lá, de jogos. Bom, mas qual é o conteúdo que eu tô vendo nas minhas telas? Ah mas eu saio do Facebook e vou ver novela, então eu também tô nesse conteúdo superficial, eu também não tô usando as telas pra uma apropriação cultural (Caso 12, 2).

Os resultados desse tema sugerem que o uso de telas na primeira infância é um assunto que mobiliza subjetivamente as mães antes mesmo de a criança nascer. Conforme indicam algumas falas, o bebê imaginado na gestação (Ferrari *et al.*, 2007) idealmente não usaria telas. Consequentemente, a mãe ideal, ou a “boa mãe” (Carvalho, 2020), seria aquela que não expõe seus filhos a esses dispositivos - e que é, ela própria, um modelo de relação com as mídias digitais. O fato de a criança usar telas pode ser vivenciado subjetivamente por algumas mães como uma ferida narcísica, já que afasta ambos, mãe e criança, do modelo ideal, afetando o narcisismo infantil perdido (Freud, 1914/2006) e a imagem do bebê imaginado na gestação (Ferrari *et al.*, 2007). Como refere

Zimerman (1999) “toda a distância que separa o ego ideal do ego real é vivida como um colapso narcisista” (p. 138). Os desdobramentos são a autocrítica e o sentimento de culpa, conforme ilustrado por algumas vinhetas. Segundo Corso (2016), o sentimento de culpa na maternidade transcende o campo individual e se inscreve em dimensões históricas, sociais e inconscientes ligadas ao papel da mulher na sociedade, com desdobramentos intergeracionais. Conforme a autora, a culpa torna-se quase uma “utilidade psíquica”, cumprindo a função de manter as mulheres conectadas a um ideal de maternidade e de feminilidade que nunca realizam.

Embora as participantes do estudo tenham, muitas vezes, feito uso das telas pela necessidade legítima de momentos de pausa diante da exaustão e de inúmeras demandas – especialmente durante a pandemia - esse gesto foi vivenciado como uma infração do ideal materno. Pode-se pensar que a culpa demonstrada por algumas mães não decorre exclusivamente do uso das mídias digitais, mas sobretudo porque esse uso revela e é expressão da ambivalência emocional própria à experiência da maternidade. É possível propor, portanto, que a culpa expressa por algumas mães no presente estudo resida na falta de espaço simbólico para elaborar a ambivalência e os limites humanos intrínsecos à experiência da maternidade.

Cabe, ainda, refletir se o que as mães estão expressando nessas falas é, de fato, sentimento de culpa ou se envolve algo da ordem da vergonha. Segundo Freud (1923/2006), a vergonha surge como reação à possibilidade de desaprovação ou rejeição por parte do outro, sendo um mecanismo de proteção do próprio narcisismo frente à revelação de aspectos do eu considerados inaceitáveis pelo sujeito. Souza (2018) discute sobre as características do superego contemporâneo, que estaria relacionado à preocupação com as reações que as atitudes e comportamentos do sujeito provocam nos outros, e como essas terão repercussão em sua imagem. Segundo Souza (2018),

[...] a noção de culpa e os dilemas que envolve têm a ver com a dinâmica na qual a interioridade desempenha um papel central, enquanto a ideia da vergonha como ordenadora imaginária das relações dos indivíduos se associa ao olhar de aceitação ou de recusa, de reconhecimento ou não reconhecimento que o indivíduo busca na exposição pública de si (p. 105).

Frente à importância que adquire o olhar do outro na contemporaneidade, a vergonha torna-se aquilo que o sujeito mais procura evitar, pois para Souza “o que circula a seu respeito e o que ele projeta têm papel crucial na valorização do sentimento de si” (2018, p. 106). Portanto, a conceitualização psicanalítica da vergonha destaca seu caráter relacional e simbólico, sua função estruturante para o ego e suas implicações para o mal-estar contemporâneo, contexto marcado por padrões performáticos, como é o caso da experiência da maternidade na era digital.

Os resultados desse tema sugerem que a vergonha pelo uso de telas pode ter emergido, em algumas mães, como consequência da suposta frustração de expectativas frente ao olhar do outro – representado, nesse contexto, pelas pesquisadoras no lugar de especialistas. Tal dinâmica explicaria por que algumas mães buscaram se antecipar a possíveis julgamentos, minimizando ou justificando o uso de telas feito por seu filhos. As pesquisadoras estariam ocupando, na perspectiva das participantes, o papel de depositárias do saber técnico-científico, que desaconselha o uso de mídias digitais na primeira infância, de modo que o relato materno frequentemente se construiu em resposta a um ideal que, supunham as mães, as pesquisadoras representavam.

O conceito de transferência, um dos pilares fundamentais da teoria e da prática clínica psicanalítica, pode auxiliar a compreender esses resultados. Segundo Freud (1912/2006; 1923/2006), a transferência é o fenômeno pelo qual pulsões, fantasias, conflitos, desejos, defesas, figuras superegógicas e representações originalmente relacionados a figuras parentais ou significativas do passado do paciente são repetidos, de modo inconsciente, na sua relação com o analista. Embora o termo transferência seja reservado exclusivamente à relação entre psicanalista e paciente, o fenômeno transferencial está virtualmente presente em todas as relações humanas (Zimerman, 1999). Nesse sentido, no presente estudo, observou-se a presença, no vínculo estabelecido entre participantes e pesquisadoras, de aspectos transferenciais típicos da relação com figuras nas quais se supõe um saber, evidenciando como as experiências subjetivas maternas em relação às mídias digitais são atravessadas por processos psíquicos inconscientes. Na perspectiva psicanalítica, o ideal do ego é projetado nos pais e soma-se a suas aspirações e expectativas,

sendo que o sentimento predominante frente ao eventual fracasso desse ideal é o de vergonha (Zimerman, 1999). Dessa forma, a análise do fenômeno transferencial entre participantes e pesquisadoras contribuiu para ampliar a compreensão dos sentidos atribuídos pelas mães ao uso de telas e dos impasses vivenciados por elas, evidenciando o papel dos processos inconscientes na construção dessas experiências.

Cabe, ainda, pensar se a figura da “boa mãe” está calcada apenas sobre o ato de não propiciar o acesso dos filhos às mídias digitais, ou se baseia-se, sobretudo, na expectativa de que esse não-uso decorra de uma ausência de demanda. Ou seja, a “boa mãe” seria aquela que não utiliza mídias digitais por não sentir necessidade delas, já que é completa, autossuficiente e apta a gerenciar todas as demandas da maternidade e do cotidiano sem recorrer a esses dispositivos. Esse ideal de maternidade performática, alicerçado no imaginário, sustenta-se em uma fantasia de onipotência relacionada ao ego ideal – pelo qual, segundo Zimerman (1999), se espera de si mesmo um desempenho superlativo, nutrindo padrões e metas dificilmente alcançáveis na vida real.

Ao mesmo tempo, algumas mães refletiram sobre os ideais de maternidade relacionados ao uso de telas, reconhecendo a incompletude e a falta como inerentes à condição humana e, mais especificamente, à maternidade (Hoewell, 2022). Elas destacaram a importância de orientar as práticas em uso de telas de acordo com os recursos e limites impostos pela realidade concreta de cada família. São relatos que, de alguma forma, desengessam os discursos sociais e os imperativos acerca da “boa mãe” (Carvalho, 2020) no que diz respeito ao uso de mídias digitais na primeira infância.

O tema “Mal-estar pelo Uso: Mídias Digitais e Ideais Normativos” esteve presente nas duas etapas do estudo, sendo mencionado por 16 participantes em cada uma delas. Das 16 mães que trouxeram esse tema na primeira coleta, 12 o fizeram novamente na segunda etapa, o que sugere certa estabilidade dessa experiência subjetiva ao longo do tempo. Ressalta-se, ainda, que as duas mães solo participantes da pesquisa fizeram referência ao mal-estar pelo uso de telas, sugerindo que essa é uma experiência subjetiva marcante para as mães que cuidam e educam seus filhos sozinhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi compreender as experiências subjetivas maternas no que tange às mídias digitais na contemporaneidade, analisando-se estabilidades e mudanças ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia da Covid-19. O desenho longitudinal e a ancoragem na psicanálise – teoria pouco utilizada em estudos empíricos sobre o tema - constituem os diferenciais do estudo. O fato de a entrevista utilizada na Etapa 2 ter sido realizada de forma on-line, e possuir um maior número de questões, diferindo da coleta presencial e da entrevista utilizada na primeira fase, constitui uma limitação do estudo, devido aos seus possíveis impactos no conteúdo trazido pelas mães.

Os resultados indicaram que a experiência subjetiva das participantes em relação às mídias digitais na primeira infância foi atravessada pela ambivalência, que é uma operação constitutiva do funcionamento psíquico e própria da maternidade, manifestando-se como um campo tensionado entre fascínio e horror frente a essas tecnologias. Observou-se, ao longo do tempo, um deslocamento em algumas participantes para posicionamentos mais favoráveis à utilização das mídias digitais, fenômeno que pode ser compreendido tanto a partir das exigências do contexto pandêmico quanto do próprio processo de desenvolvimento infantil.

A presença de mal-estar relacionado ao uso de telas revelou-se fortemente associada à internalização de discursos sociais — especialmente aqueles provenientes dos saberes técnico-científicos — que desaconselham a exposição de bebês e crianças pequenas às mídias digitais. Nesse contexto, a prática materna de permitir o uso de tais dispositivos pode ser vivenciada, por algumas participantes, como uma ferida narcísica, visto que contraria o ideal de desempenho parental pautado pela figura da “boa mãe”, isenta de falhas. Desse modo, a “boa mãe”, no contexto deste estudo, seria aquela que não oferece telas aos filhos porque delas não sente necessidade, está sempre disponível e cujas práticas estão perfeitamente alinhadas às prescrições de especialistas.

Os resultados do estudo sugerem que a contemporaneidade traz novas camadas ao conflito ambivalente constitutivo da maternidade. A lógica algorítmica das redes, articulada ao discurso técnico de especialistas,

amplifica os ideais de maternidade, fazendo com que as experiências reais e singulares das mães sejam vivenciadas, muitas vezes, como inadequadas em relação a um modelo padronizado e massivamente difundido por meio de dispositivos tecnológicos. Além disso, a lógica algorítmica promovida por plataformas que expõem práticas parentais (como comunidades de mães em redes sociais), embora tenha o potencial de operar como rede de apoio à maternidade, frequentemente reforça a lógica prescritiva e de performatividade materna, dificultando a elaboração simbólica da ambivalência constitutiva da maternidade (Pesce, Pedrotti, Frizzo & Lopes, 2023). Como efeito desses discursos, muitas mães experienciam a presença de telas na vida das crianças como uma expressão de sua falha no exercício da função parental. A interdição simbólica do uso de telas, ancorada no saber especialista e no discurso social, pode alimentar a angústia e as fantasias inconscientes maternas de estar provocando possíveis danos, o abandono e o desamparo da criança.

Todavia, é digno de nota que algumas participantes problematizaram as representações idealizadas de maternidade e de infância, reconhecendo a complexidade inerente a essas experiências singulares. Esse dado indica a emergência de espaços de elaboração subjetiva, nos quais as mães se autorizaram a considerar os limites e possibilidades presentes em sua realidade cotidiana no que diz respeito ao uso de mídias digitais. Portanto, mesmo diante de um campo simbólico marcado por ideais, algumas mães demonstraram um lugar de fala autêntico, reconhecendo seus limites, ambivalências e necessidades.

A dinâmica transferencial instaurada em algumas entrevistas, envolvendo constrangimento e necessidade de justificar ou minimizar práticas consideradas inadequadas, evidenciou desdobramentos práticos relevantes do presente estudo. Ao ocuparem a posição de representantes do discurso técnico-científico, profissionais da saúde que acompanham famílias com filhos na primeira infância tornam-se, inadvertidamente, depositários de expectativas idealizadas, o que pode inibir o compartilhamento autêntico de experiências parentais relativas ao uso de telas — frequentemente silenciadas em função do receio de sanções simbólicas por desvios em relação ao padrão normativo. Desse modo, emerge um desafio ético e metodológico para pesquisadores e profissionais da área: engajar as famílias

em investigações e práticas interventivas no campo do uso de dispositivos digitais durante a primeira infância sem reproduzir mecanismos de culpabilização ou deslegitimação de saberes parentais (Gorin et al., 2021). Ademais, impõe-se o reconhecimento de que as experiências maternas se entrelaçam a múltiplos contextos socioculturais, demandando abordagens sensíveis à diversidade de trajetórias e condições de vida das famílias.

Nesse sentido, é fundamental considerar que os resultados e discussões aqui apresentados estão circunscritos à experiência subjetiva de mulheres brancas, na maior parte casadas, de alta escolaridade, residentes em capitais ou regiões metropolitanas, com acesso à internet, que puderam, em sua maioria, manter-se em isolamento social durante a pandemia da Covid-19 e que, em comparação à maior parte da população brasileira, foram afetadas de forma mais branda por essa emergência de saúde pública (Zanello et al., 2022). Por essa razão, uma direção para futuros estudos seria abordar a questão de pesquisa considerando diferentes enlaces de marcadores de raça, renda, escolaridade e configurações familiares.

Por fim, cabe refletir sobre o seguinte relato de uma das participantes acerca de sua experiência de participação na pesquisa:

Pra mim tá sendo um momento muito legal essas conversas aqui porque realmente eu acho que essa capacidade da gente dar um passo pra trás e pensar a gente como uma mãe, né? Que, no dia a dia é tão corrido, né, então eu fico muito feliz de ter participado dessa experiência porque...às vezes a gente dá um passo pra trás e pensa e... Interessante, assim: Mas onde é que eu posso melhorar?, O quê que eu quero pra minha filha? E são coisas tão fortes que no dia a dia acabam ficando, né. (Caso 18,2).

Apartir dessa vinheta e dos resultados do estudo, destaca-se a importância de criar espaços de escuta qualificada que promovam a elaboração subjetiva das vivências maternas diante das demandas atuais sobre maternidade e uso de mídias digitais na primeira infância. Sob a ótica psicanalítica, tais espaços podem funcionar como alternativas aos discursos sociais predominantes, geralmente pautados por prescrições comportamentais, possibilitando a expressão e a elaboração singular de sentimentos ambivalentes, conflitos e desejos muitas vezes silenciados por padrões relacionados à maternidade e ao uso de tecnologias na primeira infância. Essa pode ser uma direção para intervenções e futuros estudos na área.

REFERÊNCIAS

- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and young minds. *Pediatrics*, 138(5), 1-8. Recuperado em 21 de março de 2021 de <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2591>
- American Psychological Association. (2019). Digital media. *Thesaurus of psychological index terms*. Recuperado em 19 de setembro de 2020 de <https://psycnet-apa.ez45.periodicos.capes.gov.br/thesaurus/item?term=digital%20media>
- Azevedo, E. C., Riter, H. S., Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B. (2022). Digital media use on interactions between mother and child: Differences in infants' early years. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 32, <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3210>
- Bedford, R., Saez of Urabain, I. R., Cheung, C. H. M., Karmiloff-Smith, A., & Smith, T. J. (2016). Toddlers' fine motor milestone achievement is associated with early touchscreen scrolling. *Frontiers in Psychology*, 7. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01108>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (n.d.). *FAQs*. [Webpage]. Recuperado em 25 de fevereiro de 2022, de <https://www.thematicanalysis.net/faqs/>
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). *Thematic analysis. Handbook of research methods in health social sciences*, 843-860.
- Campana, N., & Gomes, I. (2019). A study about the characteristics of the contemporary parental exercise and care network. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e190028>
- Carvalho, H. B. de (2020). *Maternidade, ambiente e psicanálise: Um estudo dos atravessamentos culturais na maternidade contemporânea*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Corso, D. (2016). Por causa da mãe. *Correio da APPOA*, 3(11). https://apboa.org.br/correio/edicao/262/por_causa_da_mae/398
- Creswell, J.W., & Creswell, J. D. (2021). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Penso.

- Ferrari, A. G.; Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2007). O bebê imaginado na gestação: Aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 305-313. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200011>
- Franco, D. A. (2013). Maternidade e amamentação: Engrenagens político-sociais na fabricação de famílias desviantes. *Mnemosine*, 19(1), 169-191. Recuperado em 27 de julho de 2022 de Maternidade e amamentação: engrenagens político-sociais na fabricação de famílias desviantes | Franco | Mnemosine (uerj.br)
- Freud, S. (2006). *A dinâmica da transferência*. (James Strachey, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, volume XII. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (2006). *Totem e tabu*. (James Strachey, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, volume XIII. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (2006). *À guisa de introdução ao narcisismo*. (James Strachey, Trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, volume XIV. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2006). *Luto e melancolia*. (James Strachey, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, volume XIV. (Obra original publicada em 1917).
- Freud, S. (2006). *O ego e o id*. (James Strachey, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, volume XIX. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (2006). *O mal-estar na civilização* (James Strachey, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, volume XXI. (Trabalho original publicado em 1930).
- Gorin, M. C.; Mello, R. M. de, & Féres-Carneiro, T. (2021). A culpa é sempre da mãe? Um olhar sobre a maternidade através da clínica com crianças. *Estilos da Clínica*, 26(3), 520-535. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i3p520-535>
- Hartshorne, J. K., Huang, Y. T., Paredes, P. M. L., Oppenheimer, K., Robbins, P. T., & Velasco, M. D. (2021). Screen time as an index of family distress. *Current Research in Behavioral Sciences*, 2, 1-9. <https://doi.org/10.1016/j.crbeha.2021.100023>
- Hoewell, A. G. (2022). *Maternidade e trabalho: Atravessamentos dos discursos sociais em falas de mulheres durante a pandemia do Covid-19*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. SolisPonton (Org.), *Ser pai, ser mãe, parentalidade: Um desafio para o novo milênio* (pp. 47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Iaconelli, V. (2019). *Criar filhos no século XXI*. São Paulo: Contexto.
- Jerusalinsky, J. (2017a). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp. 39-55). Salvador: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017b). Que rede nos sustenta no balanço da web? – O sujeito na era das relações virtuais. In: A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp.13-38). Salvador: Ágalma.
- Klein, M. (1997). *Amor, culpa e reparação*. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (pp. 343–370). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1937).
- Levitt, H. M., Bamberg, M., Creswell, J. W., Frost, D. M., Josselson, R., & Suárez-Orozco, C. (2018). Journal article reporting standards for qualitative primary, qualitative meta-analytic, and mixed methods research in psychology: The APA Publications and Communications Board task force report. *American Psychologist*, 73(1), 26-46. <http://dx.doi.org/10.1037/amp0000151>
- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: Tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187-204. Recuperado em 11 de julho de 2022 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012
- Mallmann, M.Y., & Frizzo, G.B (2019). O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: Um mal necessário? *Revista Cocar*, 7. Recuperado em 29 de agosto de 2020 de <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2789>
- McDaniel, B. T. & Coyne, S. M. (2016). “Technoferece”: The interference of technology in couple relationships and implications for women’s personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(1), 85-98. <https://doi.org/10.1037/ppm0000065>
- Moraes, D. F. L. de, & Viana, T. de C. (2020). O faz de conta tem que prestar contas no neoliberalismo? *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(3), 67-79. Recuperado em 7 de junho de 2021 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000400006

- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193-202. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000200009>
- Núcleo Ciência pela Infância. (2021). Comitê Científico. *Educação Infantil de Qualidade*. Recuperado em 9 de novembro de 2022 de <https://ncpi.org.br/publicacoes/wp8-educacao/>
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE. (2017a). Questionário de Dados Sociodemográficos. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2017b). Entrevista sobre interação familiar com uso de tecnologias – Etapa 1. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2021). Entrevista sobre interação familiar com uso de tecnologias – Etapa 2. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Pedrotti, B. G., Mallmann, M. Y., Silva, C., Vescovi, G., Marques, F. M., Riter, H. S., Almeida, M. L.; Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B (2021). Infants' and toddlers' digital media use and mothers' mental health: A comparative study before and during the COVID-19 pandemic. *Infant Mental Health Journal*, 43(1), 24-35. <http://doi.org/10.1002/imhj.21952>
- Pesce, L. R., Pedrotti, B. G., Frizzo, G. B., & Lopes, R. C. S (2023). Compartilhar experiências ou prescrever orientações? *Psico Porto Alegre*, 54(1), 1-12. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.38081>
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Nardi, T., & Lopes, R. de C. S. (2008). Gestação e constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 3(1), 63-72.
- Puccinelli, M. F.; Marques, F. M., & Lopes, R. de C. S. (2023). Telas na infância: Postagens de especialistas em grupos de cuidadores no Facebook. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, 1-17. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003253741>
- QSR International. (2021). NVivo Qualitative Data Analysis Software (versão 1.5.1). QSR International Pty Ltd. [Software de computador] Recuperado em 30 de novembro de 2021 de <https://www.qsrinternational.com/nvivo-qualitative-data-analysis-software/home/>

- Radesky, J. S., Kistin, C. J., Zuckerman, B., Nitzberg, K., Gross, J., Kaplan-Sanoff, M., Augustyn, M., & Silverstein, M. (2014). Patterns of mobile device use by caregivers and children during meals in fast food restaurants. *Pediatrics*, *133*(4), 843-849. <http://doi.org/10.1542/peds.2013-3703>
- Radesky, J. S., Kistin, C., Eisenberg, S., Gross, J., Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. D. (2016). Parent perspectives on their mobile technology use: The excitement and exhaustion of parenting while connected. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, *37*(9), 694-701. <https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000357>
- Rideout, V., & Robb, M. B. (2020). *The Common Sense census: Media use by kids age zero to eight, 2020*. San Francisco, CA: Common Sense Media. Recuperado em 9 de abril de 2021 de https://www.common SenseMedia.org/sites/default/files/research/report/2020_zero_to_eight_census_final_web.pdf
- Riter, H. S. (2021). *Mídias digitais e famílias com bebês na pandemia de COVID-19: Mudanças no padrão de uso e variáveis parentais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Robson, C. (2002). *Real world research: A resource for social scientists and practitioner researchers* (2nd ed.). Oxford: Blackwell
- Rocha, B. & Nunes, C. (2020). Benefits and damages of the use of touchscreen devices for the development and behavior of children under 5 years old: A systematic review. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *33*(1), 1-10. <http://doi.org/10.1186/s41155-020-00163-8>.
- Royal College of Pediatrics and Child Health (2019). *The health impacts of screen time: A guide for clinicians and parents*. Recuperado em 5 de maio de 2020 de <https://www.rcpch.ac.uk/resources/health-impacts-screen-time-guide-clinicians-parents>
- Schacter, J., & Jo, B. (2017). Improving preschoolers' mathematics achievement with tablets: A randomized controlled trial. *Mathematics Education Research Journal*, *29*, 313-327. <http://doi.org/10.1007/s13394-017-0203-9>
- Sehn, A. S. (2016). *A vivência da função materna no período de dependência: Do sexto mês ao quarto ano de vida da criança*. Dissertação de Mestrado,

- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Menos mídias digitais, mais saúde. Manual de Orientação, Grupo de Trabalho e Saúde na Era Digital*.
- Souza, A. L. de F. (2018). Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais. *Revista Ártemis*, 25(1), 89-112.
- Staniscuaski, F., Kmetzsch, L., Soletti, R. C., Reichert, F., Zandonà, E., Ludwig, Z. M. C., & Oliveira, L. de (2021). Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: From survey to action. *Frontiers in Psychology*, 12, 1-14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.663252>
- Trage, F. T., & Donelli, T. M. S. (2020). Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea. *Barbarói, Santa Cruz do Sul*, 57, 141-164. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14263>
- Travassos-Rodriguez, F., & Féres-Carneiro, T. (2013). *Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões*. Tempo Psicanalítico, 45(1), 83–102. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100008
- Vilhena, C., & Mota, L. (2013). “É preciso educar as mães”: As revistas de educação familiar e a profissionalização da maternidade (1945-1958). *Exedra Revista Científica*, 7, 71-79. Recuperado em 20 de outubro de 2022 de (17) “É preciso educar as mães”: As revistas de educação familiar e a profissionalização da maternidade (1945-58) | Request PDF (researchgate.net)
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1965).
- Zanello, V.; Antloga, C.; Pfeiffer-Flores, E. & Richwin, I. F. (2022). Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. *Revista Estudos Feministas*, 30(2), 1-12. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n286991>
- Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed.

NOTAS

¹ Por mídias digitais, entende-se o conjunto de dispositivos, formatos e métodos de comunicação que veiculam conteúdo digitalizado por meio de sinais digitais, como na Internet, na TV e em redes de computadores e de telefonia. Exemplos de mídias digitais incluem *softwares* de computador, aplicativos móveis, redes sociais, *videogames*, páginas da Web, imagens (fotos e vídeos) digitais, *e-books* e *smartphones* (American Psychological Association, 2019).

² Mais detalhes sobre esse projeto podem ser encontrados em Azevedo et al. (2022).

Recebido em: 31/03/2023

Revisado em: 24/07/2025

Aceito em: 01/11/2025